

GLÍCIA DE FÁTIMA DANTAS BATISTA



**LEITURA E RELEITURA: UMA EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA NA TERCEIRA
IDADE**

GOVERNADOR VALADARES

2011

GLÍCIA DE FÁTIMA DANTAS BATISTA

**LEITURA E RELEITURA: UMA EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA NA TERCEIRA
IDADE**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Maria Luiza Dias Viana

GOVERNADOR VALADARES

2011

GLÍCIA DE FÁTIMA DANTAS BATISTA

**LEITURA E RELEITURA: UMA EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA NA TERCEIRA
IDADE**

Orientadora: Maria Luiza Dias Viana

Membro da Banca: Rodrigo Borges Coelho

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação padronizada de uma casa	15
Figura 2 – Representação expressiva de uma casa	16
Figura 3 – Prática do grupo Anos Dourados	20
Figura 4 – Prática do grupo Atividade Viver	21

Agradeço,

Ao meu Deus soberano, à minha mãe amada, ao meu pai saudoso, ao marido leal, ao filho prodígio, enfim, à família que é o suporte da minha vida.

Aos idosos voluntários e carinhosos que compartilharam comigo sua visão do mundo e da vida.

Aos mestres Álvaro, Hednamar e Maria Luiza, que me conduziram até aqui e compartilharam comigo suas experiências preciosas.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo propor uma experimentação artística através da leitura e releitura de obras de arte modernas e como principal motivação o desejo de trabalhar conceitos e elementos das artes visuais com pessoas da terceira idade. Surgiu a partir do entendimento das contribuições do movimento modernista para as transformações do ensino da arte e do reconhecimento deste, como direito de todos. Este estudo foi realizado com dois grupos, integrantes de duas entidades religiosas da cidade de Governador Valadares, Minas Gerais, participantes do Projeto “Saúde e longevidade com qualidade de vida”. Foi desenvolvido em três encontros e buscou construir conhecimento em Artes Visuais através da contextualização, leitura e experimentação em consonância com a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa.

Palavras-chave: ensino, arte, modernismo, idoso, leitura e releitura.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CAPÍTULO 1 - AS TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO DA ARTE A PARTIR DO MODERNISMO	10
2.1 A SOCIALIZAÇÃO DA ARTE	11
3 CAPÍTULO 2 - CONHECENDO OS GRUPOS – DIAGNÓSTICO (1º ENCONTRO)	13
3.1 A SELEÇÃO DAS OBRAS	14
4 CAPÍTULO 3 - PRÁTICA ORIENTADA (2º ENCONTRO)	15
4.1 1ª ETAPA – O DESENHO DAS CASINHAS	15
4.2 2ª ETAPA – APRESENTAÇÃO DAS OBRAS	17
4.2.1 1º momento – Reflexão	17
4.2.2 2º momento – Leitura das obras	17
4.3 3ª ETAPA – RELEITURA	19
4.4 4ª ETAPA – REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
6 REFERÊNCIAS	24
7 SITES CONSULTADOS	25
8 ANEXO 1 – IMAGENS DAS PRÁTICAS	26

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado considerando a importância da arte para o desenvolvimento humano e acreditando ser possível produzir arte em qualquer momento da vida. Trata-se de uma proposta de ensino de arte envolvendo a reflexão e a experimentação artística com grupos da terceira idade. A prática apresentada neste estudo proporcionou uma rica e prazerosa experiência em artes visuais.

Observando a trajetória do ensino da arte no Brasil, é possível constatar que, quando as pessoas na faixa etária de 60 e 80 anos estavam em idade escolar, havia poucas ou quase nenhuma oportunidade de vivenciarem experiências em arte. Se considerarmos quatro ou cinco décadas atrás, o ensino de arte era precário, e quando existia, era voltado para técnica de desenho, isso sem falar na falta de formação específica dos educadores, fator preocupante até os dias de hoje.

A maioria dessas pessoas na faixa etária de 60 e 80 anos, não tiveram acesso ao ensino, muito menos ao ensino de arte. Esse, entre outros fatores que envolveram o contexto histórico e político dessa geração, resultou não apenas na falta de conhecimento e de oportunidades de experimentação adequada do fazer artístico, como na geração de preconceitos em relação às mudanças ocorridas na arte ao longo do tempo.

Diante disso, e buscando despertar nos idosos a apreciação crítica e a experimentação da arte, trabalhamos inicialmente um diagnóstico e momentos de criação e de reflexão, através de um breve conhecimento sobre as transformações da arte a partir das contribuições e influências do modernismo e da leitura de obras modernas, que, somada à vivência de cada grupo, resultou em releituras peculiares de obras modernistas brasileiras.

O estudo foi realizado com dois grupos, pertencentes a entidades religiosas da cidade de Governador Valadares, Minas Gerais, ambos participantes de um projeto para terceira idade. Para participar da experiência o único pré-requisito era ter idade superior a 60 anos.

No capítulo 1 apresento um breve relato sobre as transformações no ensino da arte a partir do Modernismo e suas principais influências e ressalto a importância dela para o desenvolvimento humano.

No capítulo 2 apresento um relato do diagnóstico proposto aos grupos, por meio do qual foi possível conhecer melhor o contexto e o perfil de cada um, entender o que pensavam sobre arte, como aprenderam arte na fase escolar, se praticavam algum tipo de arte e o que consideram ou não arte.

No capítulo 3 apresento o relato de uma prática orientada, na qual houve a apresentação de um contexto histórico, a apresentação e leitura crítica de cinco obras modernistas brasileiras e a criação de imagens através de releituras dessas obras. Esse capítulo também apresenta o resultado da reflexão realizada com o grupo, através de exposição dos trabalhos realizados e alguns relatos do aprendizado adquirido com a prática.

2 CAPÍTULO 1 - AS TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO DA ARTE A PARTIR DO MODERNISMO

Grandes mudanças ocorreram na arte a partir do movimento modernista, por meio das transformações culturais e políticas, resultantes de guerras e revoluções. Mudanças radicais no campo da visualidade também ocorreram, provocadas pelo advento da fotografia que possibilitou a ampliação de recursos técnicos para representação do real.

“Quando a arte foi definida como expressão dos sentimentos dos artistas, a criatividade e a autoexpressão prevaleceram” (EFLAND, 2010). Essa afirmação retrata bem o sentimento dos artistas na transição do tradicional para o moderno, marcado pelas mudanças da sociedade industrial, quando os artistas vão fazer valer mais da possibilidade de criar, experimentar e expressar seus sentimentos e emoções. Tudo isso associado à vontade de criar algo inovador – de vanguarda. Muitos movimentos surgiram a partir dessas mudanças de paradigmas, sendo os mais importantes: Fauvismo, Expressionismo, Cubismo, Futurismo, Dadaísmo e Surrealismo.

No Brasil, o modernismo é marcado pela Semana de Arte Moderna, que ocorreu 1922, em São Paulo, tendo como principais artistas envolvidos: Tarsila do Amaral, Lasar Segall, Anita Malfati, Emiliano Di Cavalcanti, Goeldi, Rego Monteiro e Victor Brecheret. De acordo com Canton (2009), são artistas que trouxeram da Europa e dos Estados Unidos os desenvolvimentos estéticos propostos pela vanguarda.

O modernismo mudou a forma de ver o mundo da arte e deu um novo significado ao conceito de arte, que pode ser experimentada e apreciada por vários tipos de pessoas. Marcado pela variedade de estilos trouxe mudanças não apenas no comportamento do artista como no comportamento do espectador, que passa a ser sujeito participativo da obra uma vez que se sente também capaz de interpretar e refletir sobre ela.

Como as transformações da arte são progressivas, surge ainda o chamado pós-modernismo ou contemporâneo, que, de acordo com Barbosa (2010), está relacionada à prática corrente, a arte que está sendo realizada no aqui e agora. Para a autora, é difícil estabelecer uma linha divisória entre a arte “moderna” e a

“contemporânea”, mas o termo contemporâneo é usualmente aplicado para a arte que ainda não originou opiniões assentadas.

As mudanças no conceito de arte iniciadas no modernismo, inevitavelmente, refletiram no ensino da arte que somente a partir de 1970 passa a ser obrigatório nas escolas primárias e secundárias do Brasil, de acordo com Barbosa (2004), que atribui essa conquista a educadores norte-americanos. Segundo a autora, mesmo ainda não tendo desenvolvido a qualidade estética ideal no que se refere à arte/educação, essa obrigatoriedade ou reformulação do currículo escolar representou um grande passo para a educação brasileira, mas não foi suficiente para anseios dos arte-educadores, que fazem com que esse processo ainda esteja em transformação progressiva.

Assim como antes, as transformações ocorridas no ensino da arte permanecem vinculadas a uma série de fatores políticos e culturais, que, segundo Osinski (2002), só podem ser visualizados através da observação da trajetória do ensino da arte no Brasil e da análise dos caminhos pelos quais se deu a evolução do ensino, suas influências de ordem estética, pedagógica e filosófica, e as metodologias utilizadas ao longo do tempo. Com isso, é possível entender como chegamos até aqui e ao mesmo tempo fazer uma análise de suas influências e criar novas perspectivas.

Compreender e acompanhar a transformação da arte e trabalhar essa nova visão do ensino de arte no mundo moderno significa mudar a concepção das práticas utilizadas no processo de ensino-aprendizagem e progredir a partir delas.

Isso se confirma na fala de Wilson (2010), quando diz que os professores no mundo inteiro terão de se deparar com a tarefa de construir uma nova visão do ensino da arte nas escolas, o qual, provavelmente, abrigará as características mais interessantes do Modernismo e acrescentará práticas derivadas das ideologias pós-modernas emergentes.

2.1 A SOCIALIZAÇÃO DA ARTE

Mesmo sendo considerada uma das mais antigas formas de manifestação humana, utilizada desde os primórdios como instrumento de representação de crenças, fatos, vivências, sentimentos e registro da evolução do pensamento, a arte

tem trilhado um longo e árduo caminho em busca do seu reconhecimento como necessidade humana.

A partir do entendimento das contribuições do movimento modernistas para as transformações do ensino da arte e do reconhecimento dessa arte como direito de todos, surgiu o desejo de se construir conhecimento em arte com grupos de terceira idade, que em função de vários fatores que envolveram o contexto histórico e político da sua geração, não tiveram conhecimento e oportunidades de experimentações artísticas, o que resultou no que podemos chamar de “preconceitos” em relação à arte moderna.

O estudo trabalhou a contextualização – relação com a história e o meio, a leitura –, apreciação crítica e releitura – experimentação seguida de reflexão –, em consonância com a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa.

Para este estudo foi necessário fazer um levantamento com grupos da terceira de dados importantes que subsidiariam a proposta, tais como: disponibilidade dos participantes, aceitação da proposta e providências quanto ao local de realização das atividades, materiais, entre outros.

A partir desse levantamento foram selecionados dois grupos: o grupo “Anos Dourados” e o grupo “Atividade viver”, ambos pertencentes a comunidades religiosas da cidade de Governador Valadares em Minas Gérias.

O trabalho, composto de três encontros, teve início com um diagnóstico, cujo objetivo principal foi conhecer os grupos e traçar um perfil que norteasse a preparação e a organização dos demais encontros, que serão descritos nos capítulos seguintes.

3 CAPÍTULO 2 - CONHECENDO OS GRUPOS – DIAGNÓSTICO (1º ENCONTRO)

O primeiro encontro, em ambos os grupos, teve duração de uma hora e permitiu traçar o perfil desses grupos, que podem ser classificados como: de classe média, com idade entre 60 e 80 anos, com vida social ativa, pertencentes a entidades religiosas e com características muito semelhantes no que diz respeito a conhecimentos gerais e artísticos.

Os grupos fazem parte do projeto “Saúde e longevidade com qualidade de vida”, por meio do qual, uma vez por semana, são realizadas atividades de expressão corporal, exercícios de relaxamento com a utilização de música e atividades culturais de teatro e dança. São grupos bem organizados, bem articulados e receptíveis a qualquer intervenção externa que venha contribuir para o bem estar físico e mental dos participantes. Nesse encontro, foi possível identificar que a maioria dos integrantes possui habilidades manuais e experiências com corte costura, bordado, marcenaria, entre outras habilidades..

Ainda nesse primeiro encontro foram feitos alguns questionamentos de forma oral, importantes para o desenvolvimento do estudo, que seguem descritos de uma forma geral, considerando-se a semelhança das respostas dos dois grupos:

1º Questionamento: O que é arte? - Ao serem questionados sobre o significado da arte, as seguintes respostas foram registradas: trabalhos manuais, teatro, representações, expressão corporal, trabalho, pintura em tela, esculturas, dom, criatividade e expressão.

2º Questionamento: Como foi o ensino de arte quando você estudou? – uma minoria se manifestou, relatando que o ensino da arte foi direcionado aos trabalhos manuais como bordados, pinturas em tecidos, crochê, entre outros, que objetivavam a formação para o trabalho.

3º Questionamento: Você faz algum tipo de arte? – a maioria se considera artista no que faz, ou seja, os participantes declararam-se ser: ótima costureira, ótima bordadeira, ótimo serralheiro e ótima fazedora de broas.

4º Questionamento: O que você considera arte? – As respostas foram muito semelhantes: a pintura de uma casinha no meio do vale, um cavalo bem bonito, a pintura de uma fazenda e de um jarro de flor. Esses registros reforçam a visão da arte com uma representação do real.

Após o registro das respostas, foi feita uma introdução sobre os objetivos da proposta, bem como um esclarecimento sobre a abordagem do estudo. Nesse momento foram definidas mais duas datas, uma para realização da prática e outra para avaliação dos resultados pelos grupos.

O resultado desse diagnóstico e a aplicação do questionário possibilitou conhecer um pouco do cotidiano dos grupos, suas capacidades e o entendimento sobre arte que tinham, além de subsidiar a definição dos artistas, das obras e a melhor abordagem a ser feita na prática.

3.1 A SELEÇÃO DAS OBRAS

Com um conhecimento geral sobre os grupos, foi iniciada a preparação da etapa de seleção das obras que seriam trabalhadas na representação do conceito moderno.

Intencionalmente, buscou-se trabalhar com artistas de referência, que contribuíram de forma significativa e marcante para o surgimento da arte moderna no Brasil, como Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Lasar Segall, Ismael Nery e Quirino Rosa, um artista regional e suas respectivas obras: A Negra, Cinco moças de Guaratinguetá, Paisagem Brasileira, Namorados e Quimioterapia.

As obras foram escolhidas por fazerem parte do acervo brasileiro de obras dos períodos modernista e por apresentarem temáticas com representações do cotidiano e traços da cultura brasileira. A ideia foi levar um pouco da intenção do artista ou do contexto de criação, para possibilitar uma melhor compreensão da obra em estudo e uma identificação com a realidade dos grupos.

A partir da definição das obras, iniciou-se a preparação da prática, que englobou: preparar as obras que seriam apresentadas, definir como seria a abordagem, providências quanto ao local de realização e escolha do tipo de suporte e dos materiais que seriam utilizados para a produção de imagens.

4 CAPÍTULO 3 - PRÁTICA ORIENTADA (2º ENCONTRO)

No segundo encontro, as atividades tiveram duração de duas horas e foram realizadas em dias e locais diferentes. O desenvolvimento da prática é descrito em quatro etapas, classificadas como: 1ª Etapa – O desenho das casinhas; 2ª Etapa – Apresentação das obras; 3ª Etapa – Releitura; e 4ª Etapa – Reflexão sobre a prática.

4.1 PRIMEIRA ETAPA – O DESENHO DAS CASINHAS

Buscando familiarizar os grupos com o conteúdo que seria apresentado e considerando o tempo disponível para a realização das atividades, foi desenvolvida uma estratégia que possibilitasse uma compreensão mais rápida das diferenças entre a arte tradicional e a moderna, utilizando para isso uma representação mais próxima da realidade dos participantes. Para isso, essa primeira etapa foi dividida em três momentos:

No primeiro momento, ainda sem ter contato com qualquer tipo de informação referente à prática, cada participante foi orientado a fazer o desenho de uma casinha utilizando apenas uma cor. A orientação foi que o desenho fosse produzido a partir do referencial que tinham da representação padronizada de uma casa, utilizando apenas traços. Os resultados desse momento são semelhantes, como o exemplo da figura abaixo:



Figura 1 – Representação padronizada de uma casa

No segundo momento, a construção foi direcionada: o desenho deveria ser expressivo, ou seja, deveria ser realizado de forma a conter sentimentos, desejos, intenções e principalmente o conceito que cada um tinha sobre a palavra “casa”. O resultado desse momento apresenta diferenças significantes dos elementos compositivos usados na construção do novo desenho, que ganhou novas formas e cores, como exemplificado na figura abaixo:



Figura 2 – Representação expressiva de uma casa

No terceiro momento, cada participante apresentou seu desenho expressivo ao grupo e justificou a escolha dos elementos visuais utilizados, como cor, linhas e formas. No geral, as justificativas estavam ligadas aos sentimentos (casa, lar, família), às lembranças da infância, desejos e sonhos. O resultado desse momento foi importante, porque possibilitou a identificação de uma representação da realidade de cada um, da maneira que viam, sentiam e desejavam.

Essa identificação também possibilitou uma ruptura do conceito detectado no diagnóstico que é a arte como representação do real, pois, permitiu a criação de uma representação expressiva deles mesmos, a partir das referências pessoais de cada um em relação ao termo “casa”.

Além dessas possibilidades, as diferenças entre o desenho da casinha tradicional e o expressivo foram usadas em ambos os grupos, para contextualização das mudanças ocorridas na arte, do tradicional ao moderno. Ou seja, utilizando os desenhos produzidos por eles, foi solicitado que identificassem qual se encaixaria no conceito de tradicional e qual se encaixaria no conceito moderno-contemporâneo e o por quê. Aproveitamos esse gancho para fazer uma abordagem sobre o início do modernismo, marco de toda essa transformação ocorrida na arte até os dias de hoje,

fazendo uma breve apresentação do contexto histórico e social da época e suas contribuições para esse processo. Essa abordagem apontou fatos importantes, como a Revolução Industrial e o uso da fotografia, que sem dúvidas desencadearam a liberdade de expressão.

4.2 SEGUNDA ETAPA – APRESENTAÇÃO DAS OBRAS

4.2.1 Primeiro momento – Reflexão

Antes da leitura das obras selecionadas, foi feita uma reflexão com os grupos sobre o que nos leva a apreciar uma obra de arte considerada tradicional ou clássica. Essa reflexão foi subsidiada pela apresentação de algumas obras consideradas clássicas, na sua maioria pertencente ao Renascimento, como “Dama com Véu”, de Rafael Sâncio, e “A última Ceia”, de Leonardo da Vinci.

As respostas desse momento podem ser sintetizadas em apenas duas: “por que nos identificamos com as temáticas e os elementos utilizados (casas, animais, paisagens)” e “por que se enquadram nos padrões estéticos que conhecemos”.

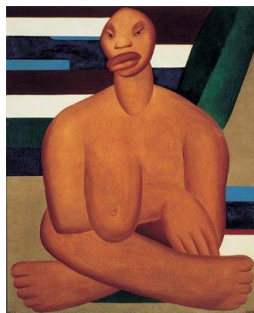
Essa abordagem teve como objetivo levar os participantes a refletirem sobre os critérios até então utilizados por eles para a definição do que é ou não considerado arte e prepará-los para uma leitura crítica e reflexiva das obras que seriam apresentadas na sequência.

4.2.2 Segundo momento – Leitura das obras

Assim como temos mecanismos para realizar a leitura de um texto, também os temos para a leitura de imagens, que passam pela decodificação dos elementos visuais e compositivos, e por aspectos como descrição, análise, interpretação e julgamento, não necessariamente nessa mesma ordem.

Nas artes visuais a leitura de imagens requer que o leitor se adentre no universo compositivo dos elementos visuais como: formas, linhas, cores, volume, textura, equilíbrio, movimento e ritmo, em busca de uma das leituras possíveis, considerando que o resultado vai depender não só da obra em si, mas da experiência de vida e do repertório visual de cada leitor.

Certos de que essa leitura passa acima de tudo pelas emoções do leitor, de modo a afetar e ser afetado por ele, as obras *A Negra*, *Cinco moças Guaratinguetá*, *Paisagem Brasileira*, *Namorados* e *Quimioterapia*, foram apresentadas uma a uma. A cada apresentação, os participantes foram instigados a expressar seus sentimentos com relação à imagem visualizada e a cada ponto observado, era feita uma intervenção técnica, considerando os seguintes aspectos: a obra em si (aparência, elementos compositivos), atributos e qualidades físicas (estilo), contexto cultural (significados) e o que influenciou sua concepção (eventos ou ideias, fazendo fluir a leitura a partir da percepção dos elementos visuais e compositivos pelos próprios participantes).



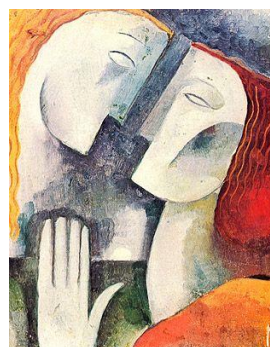
A Negra, 1923
Tarsila do Amaral



Cinco Moças de Guaratinguetá, 1930
Di Cavalcanti



Paisagem Brasileira, 1925
Lasar Segall



Namorados, s.d
Ismael Nery



Quimioterapia, 2009
Quirino Rosa

Dentro dessa proposta obras de artistas como Alberto da Veiga Guignard, Alfredo Volpi e Inimá de Paula também poderiam ter sido exploradas.

Essa etapa foi realizada em consonância com o conceito de leitura de Barbosa (1998), pois proporcionou questionamento, busca, descoberta e despertar da capacidade crítica. Ainda possibilitou a construção do conhecimento pelo próprio

participante, com intervenções pontuais acerca do mundo visual, contemplando, assim, a proposta triangular, considerando como resultado não só a compreensão de como funciona a gramática visual, mas também, e principalmente, o pensar criticamente sobre cada imagem.

“A Proposta Triangular é construtivista, interacionista, dialogal, multiculturalista e é pós-moderna, por tudo isso e por articular arte como expressão e como cultura na sala de aula, sendo essa articulação o denominador comum de todas as propostas pós-modernas do ensino da arte que circulam internacionalmente na contemporaneidade.” (BARBOSA, 1998, p.41)

Essas leituras trouxeram à tona uma diversidade de significados, um emaranhado composto por lembranças, vivências, sentimentos e imaginação em busca da compreensão da obra.

4.3 TERCEIRA ETAPA – RELEITURA

Dando continuidade à proposta do estudo e preparando os participantes para essa próxima etapa da prática, foi feita uma breve introdução sobre o conceito de releitura, partindo da ideia que cada um tinha desse termo. Todos puderam contribuir com sua ideia. Uma, inclusive, chamou-me a atenção, pois conseguiu resumir de forma muito particular o termo releitura: “Releitura é assim, você pega com sua vizinha a receita de algo que você experimentou na casa dela e gostou muito, mas você nunca consegue fazer apenas como está escrito, tem sempre que substituir um ingrediente porque não gosta ou porque não tem em casa, ou incluir algum porque gosta muito e acredita que vai dar um toque especial”.

A releitura tem sido muito usada na prática do ensino de arte contemporânea, podendo ser entendida como uma representação do que se observou e se entendeu de uma determinada obra, sob influência do meio, da cultura e da vivência de cada indivíduo, não havendo necessidade de se parecer com a original. Trata-se de lançar um novo olhar sobre o trabalho de um determinado artista.

De acordo com os autores pesquisados para a realização deste estudo, a releitura pode ser trabalhada de várias formas. No nosso caso, optamos por trabalhar com a produção de imagens a partir da memória visual e com a apresentação de mais de uma obra, o que, de acordo com Ana Amália Tavares

Bastos Barbosa (2010), permite que o participante compare, mescle, pense melhor sobre a questão proposta. Para essa autora, estamos constantemente trabalhando com a memória visual, influenciados não apenas pelas imagens apresentadas em determinados momentos, mas pelas imagens do mundo que nos cerca. “Isso é releitura. É olhar o mundo ao nosso redor e criar a partir de tantas coisas que vemos no mundo, na arte, na TV... enfim, tudo aquilo que nossa retina registra pode ser usado.” (BARBOSA, pág. 145, 2010).

Em consonância com essa definição de releitura, entendemos que o processo de construção de uma nova imagem e o conceito trabalhado em cada representação passa por transformações, tomando formas variadas e muitas vezes contraditórias à ideia original, de acordo com os padrões estéticos e culturais de cada indivíduo. Assim, os participantes deste estudo trabalharam na construção de imagens utilizando a memória visual, com base nas referências individuais e nas obras de arte analisadas, criando, assim, uma inter-relação com o que foi visto, com a época em que vivemos, com as experiências de cada um.

“(...) o importante é que o professor não exija representação fiel, pois a obra observada é suporte interpretativo e não modelo para os alunos copiarem. Assim, estaremos ao mesmo tempo preservando a livre-expressão, importante conquista do modernismo que caracterizou a vanguarda do ensino da arte no Brasil de 1948 aos anos setenta, e nos tornando contemporâneos”. (BARBOSA, 2004, p.107).

A orientação para o desenvolvimento da atividade prática foi que os participantes trabalhassem dentro dos novos conceitos da arte, usando de intencionalidade e de livre expressão, não havendo necessidade de semelhanças com nenhuma das obras apresentadas, nem com a representação do real.

Como já mencionado anteriormente, os grupos trabalhados foram:

Anos Dourados, com sete participantes, onde foi desenvolvido um trabalho único, utilizando papel Paraná no formato 90 x 60, como pode ser visto na figura abaixo:



Figura 3 – Prática do grupo Anos Dourados

Atividade Viver, com oito participantes, onde o trabalho foi desenvolvido de forma individual, utilizando papel paraná no formato 28 x 41, conforme pode ser visto na figura abaixo:



Figura 4 – Prática do grupo Atividade Viver

Os participantes ficaram meio apreensivos nessa etapa do estudo, pois era a hora de registrar o que realmente haviam captado de todo o processo, era o momento de abrir mão da forma de representao a que se está habituado e fazer algo novo. Nesse momento, foram de fundamental importância minhas intervenes, reforçando a todo o tempo os novos conceitos da representao artística.

Ambos os grupos conseguiram trabalhar utilizando os elementos visuais e compositivos compreendidos durante o estudo como: traços livres e variedades de cores, formas geométricas, linha, pontos e textura. Tendo como referência os traços da cultura brasileira, as imagens foram construídas com materiais alternativos, de várias cores e formatos, como: areia, papel e pedras coloridas, folhas secas, tintas, fitas, giz de cera, botões, entre outros que foram utilizados pelos participantes no momento da prática. As atividades foram registradas através de fotografias e de lista de presenças.

4.4 QUARTA ETAPA – REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA

Na semana seguinte a cada prática, os grupos se reuniram novamente para uma avaliação dos resultados obtidos e dos aprendizados adquiridos durante todo o processo.

Considerando os sentimentos despertados pela arte moderna, a reação inicial dos grupos já era esperada, ou seja, no primeiro momento houve uma reação de estranheza diante das obras apresentadas, principalmente na falta de proporção e na expressão marcante dos traços de alguns dos artistas. Porém, na medida em que eram apresentadas as obras, as intencionalidades dos artistas, os períodos em que estavam inseridas e os conceitos modernos-contemporâneos da arte, houve apreciação e reflexão das obras apresentadas.

Foi feita uma “exposição”, em forma de varal, que possibilitou uma visualização do trabalho realizado por todos. Sob uma dinâmica coordenada, o grupo relatou suas impressões acerca dos resultados, ficando claro que houve envolvimento, percepção e valorização do conhecimento construído.

Pelos relatos dessa reflexão, percebeu-se que a maior dificuldade se concentrou no ponto-chave da questão, ou seja, na aceitação da variedade de estilos e na liberdade de expressão trazida pelo modernismo e pela experimentação de algo novo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de caso possibilitou o exercício de uma prática pouco comum – uma experimentação artística na terceira idade. Apesar de existirem muitos projetos envolvendo essa faixa etária, são poucos os relacionados ao ensino, à experimentação e à reflexão sobre arte.

Foi importante observar que, mesmo já tendo tido contato com a arte, dentro da visão tecnicista e da precariedade do ensino de uma maneira geral, os grupos na terceira idade estiveram atentos ao aprendizado, à análise crítica, ao reconhecimento da intencionalidade e da utilização dos elementos visuais e compositivos de cada obra apresentada.

Houve uma reação de estranhamento inicial, normal dentro da perspectiva que o grupo tinha sobre arte, o belo e o feio, o tradicional e o contemporâneo, mas houve também o olhar atento a cada obra apresentada, o reconhecimento de alguns artistas, a identificação com as temáticas abordadas e a possibilidade de observar e experimentar a arte utilizando referências próprias e sua visão do mundo.

Ficou claro que o estudo gerou novas expectativas nos grupos participantes e também um resultado positivo, que, apesar de não ser suficiente para mudar toda uma trajetória de conceitos, é mais um passo, dentro da transformação progressiva da arte e porque não dizer que significa também um progresso no que diz respeito a trabalhar dentro de uma nova visão do ensino de arte no mundo contemporâneo.

Os trabalhos realizados na prática orientada confirmaram que é possível desenvolver a capacidade de compreensão da arte moderna bem como de experimentar o fazer artístico de forma conceitual, levando em consideração o momento de vida e as peculiaridades de cada indivíduo, o que independe da faixa etária.

Esse estudo foi importante na compreensão do meu papel como educadora, como alguém que auxilia educandos na construção do conhecimento e possibilitou vivenciar os conhecimentos adquiridos na graduação e aprimorados no Curso de Especialização no Ensino de Artes Visuais, de forma a me preparar para uma atuação efetiva na prática do ensino em artes visuais, não apenas em sala de aula, mas em qualquer outro contexto.

6 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (Org.). *Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (Org.). *Arte-educação: leitura no subsolo*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

OSINSKI, Dulce. *Arte, História e Ensino – Uma trajetória*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

OSTROWER, Fayga. *Universos da arte*. 24. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

7 SITES CONSULTADOS

<http://7farte5band2010.blogspot.com/2010/11/algumas-obras-de-lasar-segall-luis7f18.html>. Acesso em: 2011.

<http://www.historiadaarte.com.br/impressionismo.html> - acessado em 2011.

<http://www.itaucultural.org.br/modernismo/aula.html> - acessado em 2011.

<http://www.suapesquisa.com/artesliteratura/impressionismo.htm> - acessado em 2011.

8 ANEXO 1 – IMAGENS DAS PRÁTICAS



